

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA - UNILAB

ALINE FREIRE COSTA

**ANÁLISE DA SITUAÇÃO SOCIOECONÔMICA DO PERSONAGEM CÂNDIDO
NEVES NO CONTO *PAI CONTRA MÃE*, DE MACHADO DE ASSIS**

Redenção - CE
2017

ANÁLISE DA SITUAÇÃO SOCIOECONÔMICA DO PERSONAGEM CÂNDIDO NEVES NO CONTO *PAI CONTRA MÃE*, DE MACHADO DE ASSIS

Aline Freire Costa¹

Resumo

O presente artigo visa analisar a situação socioeconômica do personagem Candinho problematizada no conto *Pai contra Mãe* de Machado de Assis, no contexto histórico-literário do final do século XIX, no Rio de Janeiro. Para tanto, foi feita uma pesquisa bibliográfica baseada em livros, teses e dissertações. Tendo como bases teóricas principais os estudiosos Bosi (2006), Faoro (1976), Moura (1992) e Kowarick (1994). Este estudo procurou mostrar que as desigualdades sociais e a busca pela sobrevivência são constantes numa sociedade excludente, especialmente em se tratando de uma luta desigual por melhores condições de vida diante da violência, preconceitos e injustiças sociais.

Palavras-chave: Cândido Neves; Desigualdade Social; Situação Socioeconômica; Escravizados.

INTRODUÇÃO

Neste artigo pretendo analisar e problematizar a situação socioeconômica do personagem Cândido Neves a partir do conto *Pai contra Mãe* de Machado de Assis, publicado no livro *Relíquias da Casa Velha*, escrito em 1906. O conto é uma narrativa do personagem que sofre com as dificuldades financeiras enfrentadas no século XIX. A história se passa no Rio de Janeiro durante o período escravagista, no ano da abolição dos escravos. O narrador do conto faz uma narração em terceira pessoa aproximando o leitor no tempo e espaço através de fatos históricos da época da escravidão com uma narrativa curta de um narrador intruso - ou seja, temos aqui um narrador que faz recorrentes intromissões no texto. Narrado em um período literário conhecido por Realismo, esse conto:

(...) aprofunda a narração de costumes contemporâneos da primeira metade do século XIX [...] é sempre válido dizer que as vicissitudes que pontuaram a ascensão da burguesia durante o século XIX foram rasgando os véus idealizantes que ainda envolviam a ficção romântica. Desnudem-se as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima; e baseiam-se para ambas as causas naturais (raça, clima, temperamento) ou culturais (meio, educação) que lhes reduzem de muito a área de liberdade (BOSI, 2006, p. 179).

¹ Aluna do Curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa (Unilab-CE), sob orientação da professora doutora Jo A-mi - lotada no Instituto de Humanidades e Letras. E-mail: alinefreirelora@gmail.com.

O Realismo faz a representação dos costumes, experiências do cotidiano das famílias, mostrando o homem em sua realidade não idealizada. Tendo a burguesia por classe dominante, Machado de Assis mergulha no interior dos personagens para mostrar sua vida íntima e pública. Mas o amadurecimento literário do autor, é composta por obras como: romances, crônicas, poemas, contos, foi gradual. Passeando primeiro pelo Romantismo, de acordo com Braga, “foi a “formação” literária de Machado de Assis que o levou ao amadurecimento de sua escritura; formação lenta, gradual, que demonstra um escritor atento as influências que o circundavam” (BRAGA, 2000, p. 111). O escritor procurou reorganizar sua escritura a partir de obras de outros escritores que considerava relevantes. Ganhou maturidade criando grandes obras literárias destacando os aspectos sociais e uma profunda análise psicológica de seus personagens:

Os fatores que contribuíram para as mudanças são numerosos: nos contos iniciais, Machado estava de certa forma ligado aos padrões ditados pela revista em que esses contos foram publicados capítulo a capítulo, daí o número maior de páginas e enredos romantizados para satisfazer as expectativas das leitoras; era um escritor iniciante que pretendia firmar-se junto ao público, à medida em que escrevia contos, exercitava-se na crônica literária e teatral que lhe deram base para a evolução de sua escritura. (BRAGA, 2000, p. 111).

Os contos de Machado de Assis eram publicados para atender leitores com expectativas diferentes das dos críticos. Esses escritos tinham temas sobre a vida social das pessoas usando quase todos os gêneros literários para conseguir ascensão como escritor. Assim Braga nos diz que:

Machado dialoga consigo mesmo ao reescrever continuamente sua obra, seus contos e romances iniciais são muitas vezes esboços de contos e romances posteriores, - personagens, enredos, temática, narradores, voltam à cena em diversas passagens nas quais o escritor reestrutura os combinando com novas ideias (BRAGA, 2000, p. 112).

Podemos perceber nos textos de Machado de Assis que ele era um homem observador e mostrava a realidade através da ficção do meio social em que vivia. Em um certo momento de seus escritos, esse autor intensifica o Realismo em seus contos para descrever personagens e revelar a complexidade das relações sociais em suas realidades sociais e econômicas, criticando a moralidade existente e a vulgaridade da elite. Machado de Assis, assim, escreve sobre a realidade social do país usando como cenário a cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. É neste período que o escritor cria vários contos expondo o cotidiano da vida social fluminense.

Os horrores da escravidão

No caso do conto *Pai contra mãe*, o narrador inicia o conto traçando imagens dos horrores trazidos pela escravidão:

A ESCRAVIDÃO levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriagues aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado (ASSIS, 1994, p. 02).

Os instrumentos utilizados para castigar os escravizados eram terríveis, pessoas sendo tratadas como animais acorrentados, presas a ferros. Apesar de todos os movimentos escravistas e as leis abolicionistas, os senhores de escravizados aproveitavam-se desses até os últimos dias de escravidão. O processo de escravidão no Brasil iniciou-se bem antes da vinda de negros africanos ao Brasil, pois aconteceu logo com os índios - os primeiros habitantes do país. Mas vale destacar também que ela não foi tão duradoura, pelo menos na sua “versão” pura e simples, pois foram mais ou menos três os métodos de escravidão indígena. O já citado campesinato indígena por aculturação e desta balização e a integração com trabalhadores assalariados. Foi assim que Lovejoy definiu escravidão como:

(...) uma forma de exploração. Suas características específicas incluíam a ideia de que os escravos eram propriedades; que eram estrangeiros, alienados pela origem ou dos quais, por sanções judiciais ou outros, se retirava a herança social que lhes coubera ao nascer; que a coerção, podia ser usada à vontade; que a sua força de trabalho estava à completa disposição de um senhor; que eles não tinham o direito à sua própria sexualidade e, por extensão, às suas próprias capacidades reprodutivas; e que a condição de escravo era herdada, a não ser que fosse tomada alguma medida para modificar essa situação (LOVEJOY, 2002, p. 29-30).

Os escravizados eram tratados como objetos de compra e venda, mercadorias nas quais o grande proprietário podia dispor como quisesse; podia vender, trocar, alugar, pois não eram considerados seres humanos, apenas mercadorias, açotados quando não conseguiam mais trabalhar, cansados de tanto trabalho forçado e pesado. Além de trabalharem nas lavouras de cana-de-açúcar, os negros trabalhavam nos engenhos; nas cidades, os trabalhos dos escravizados eram muito pesados, e, segundo Boris Fausto, em seu livro *História do Brasil*: “realizavam nas cidades tarefas penosas, no transporte de cargas de pessoas, de dejetos malcheirosos ou na indústria de construção” (FAUSTO, 1995, p.68). Os trabalhos feitos nas cidades eram realizados na maioria pelos escravizados, e uns eram prestadores de serviços, como ferreiros, marceneiros etc. Também as mulheres cuidavam das crianças pequenas e recém-nascidas de seus donos, servindo de amas de leite. À noite, depois de um dia inteiro de trabalho pesado e da má alimentação que recebiam, dormiam em senzalas. Honorato comenta que:

Nas primeiras décadas do século XIX, os escravos ainda quase que exclusivamente desempenhavam todas as tarefas braçais tanto nas ruas quanto no interior das casas [...] Das diversas atividades exercidas pelos escravos o mais vil dos ofícios era o negro carregador de lixo e excrementos, conhecido por tigre. Era assim chamado por causa das manchas que os dejetos deixavam em seu corpo (HONORATO, 2008, p.53-54).

Nas cidades, os escravizados também exerciam a função de escravos de ganho, sobretudo as mulheres, onde faziam serviços para outros senhores e uma parte do que ganhavam (a metade) era entregue aos seus ditos donos. Como descreveu Honorato, "o escravo de ganho tinha autonomia para cobrar seu serviço e após separar a quantia do senhor poderia ficar com o que sobrava, podendo assim juntar um pecúlio ao qual poderia no futuro comprar sua alforria" (HONORATO, 2008, p.56). Além do escravizado comprar sua liberdade, juntava dinheiro para comprar a liberdade de membros da família.

De acordo com Sidney Chalhoub, "os senhores de escravos consideravam a sua prerrogativa exclusiva de conceder, ou denegar, liberdades um dos fatores mais decisivos no controle social de trabalhadores escravos" (CHALHOUB, 2003, p.64). Apesar dos escravizados conseguirem o dinheiro para comprar sua liberdade com o trabalho de ganho, só conseguiam se o senhor concedesse a liberdade, caso contrário, continuariam escravizados. Chalhoub comenta ainda que "entretanto, a lei de 28 de setembro de 1871 havia mudado as coisas de maneira significativa, pois criara vias institucionais para obter a alforria independentemente do consentimento senhorial" (2003, p.64). Essa lei estabelecia que os filhos das escravas que nascessem a partir da publicação dela seriam livres e eles eram criados pelos donos de suas mães até a idade de oito anos tendo o senhor que entregá-lo ao governo em troca de indenização ou ficaria usando seus serviços até completar sua maioridade.

Os escravos de ganho exerciam também outros trabalhos nas ruas vendendo verduras, frutas, aves, mas os principais serviços que realizavam era os domésticos. Enquanto faziam seus trabalhos podiam circular livremente pelas ruas, desde que pagassem os seus senhores. Além dos escravos de ganho, havia as escravas ganhadeiras que, segundo Soares, "encontramos tanto mulheres escravas colocadas no ganho por seus proprietários como mulheres negras livres e libertas que lutavam para garantir o seu sustento e de seus filhos" (1996, p. 57). As mulheres escravizadas eram as que mais praticavam o ganho, além de serem amas de leite faziam os trabalhos domésticos e vendiam para seus senhores produtos alimentícios variados e principalmente os de origem africana. Soares esclarece que:

As mulheres libertas experimentavam uma outra situação no ganho diferente das escravas, pois no seu trabalho não interferiam os senhores e os produtos da venda lhes pertenciam totalmente. Apesar dessa diferença, desempenhavam a mesma função social que as escravas, circulando a vender produtos alimentícios e outros [...] Além de circularem com seus tabuleiros, gamelas e cestos habilmente equilibrados sobre as cabeças, as ganhadeiras ocupavam ruas e praças da cidade destinadas ao mercado público e feiras livres, onde vendiam de quase tudo (1996, p.58-62).

Quanto às escravas libertas, não tinham obrigação de dividir o que ganhavam com suas vendas. Os produtos que vendiam eram de sua propriedade, mas agiam da mesma forma que as escravizadas pelas ruas da cidade e com o passar dos tempos foram ocupando o espaço que eram exclusivos dos escravizados.

No conto *Pai contra mãe*, o narrador assim nos fala com ironia: “há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancadas, e nem todos gostavam de apanhar pancadas” (ASSIS, 1994, p. 02). A ironia é uma característica que está presente em toda escritura de Machado de Assis. A ironia faz uma crítica social, ressaltando os acontecimentos aterrorizantes da escravidão em especial como o negro era desumanizado e o controle que sobre ele era exercido pelo senhor: falando sem falar diretamente de forma panfletária.

O trabalhador livre, liberto e os imigrantes

Sobre as condições de trabalho no século XIX, Raimundo Faoro em seu livro *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio* nos conta que:

A segunda metade do século XIX denuncia o momento do surgimento do trabalhador livre. Ele se emancipa do escravo substituindo-o e herdando-lhe a função, só pouco a pouco diferenciada na qualidade de assalariado. O mercado de trabalho se abre e floresce, destacando-se do braço escravo (FAORO, 1976, p. 321).

No Brasil do século XIX existiam os trabalhadores livres nacionais e os libertos (que eram os ex-escravizados), mas a ascensão do trabalhador livre aconteceu lentamente. Os livres nacionais faziam pequenos trabalhos e com a abolição da escravidão, depois que os fazendeiros usaram os serviços do trabalhador imigrante, passaram a contratar o trabalhador livre nacional. O trabalhador liberto foi considerado como desqualificado para os trabalhos. Desabilitados para exercerem os serviços que surgiam - por estarem habituados aos trabalhos nas plantações e aos trabalhos domésticos nas grandes fazendas, os trabalhadores negros foram levados a realizar as tarefas mais degradantes, sem oportunidade para competirem no mercado de trabalho. Esses trabalhadores viviam de forma precária e faziam atividades independentes, ganhavam apenas o necessário para seu sustento:

O enquadramento social do trabalhador livre no contexto da miséria, permitiu a Machado de Assis medir o escravo sob um ângulo original. Somente ele insistiu na calamidade que a alforria poderia significar para o cativo. O escravo seria livre, mas ficaria sem trabalho e sem pão, entregue à mendicância (FAORO, 1976, p. 326).

Machado de Assis traz à tona o trabalhador livre e o ex-escravizado, ambos vivendo na miséria: por um lado, o negro ficando livre, mas com condição financeira e social degradantes insere-se na sociedade sem nenhuma assistência, marcado pelas injustiças sociais:

O assim chamado elemento natural – branco, negro, mulato, cafuzo ou mameluco – livre ou liberto, é o menos desejado pela lavoura cafeeira. No Nordeste o trabalhador livre, após 1850, passou paulatinamente a ser incorporado, na medida em que, com a migração interna de cativos, o regime escravo passou a perder sua preponderância na economia açucareira (KOWARICK, 1994, p. 54).

Por outro lado, havia também os chamados trabalhadores livres que eram os nativos; livres e libertos faziam trabalhos que não eram feitos pelos escravizados e nem pelos imigrantes: alguns trabalhavam como artesões, entalhadores, funileiros, carpinteiros.

Marginalizados desde os tempos coloniais, os livres e libertos tendem a não passar pela “escola do trabalho”, sendo frequentemente transformados em itinerantes que vagueiam pelos campos e cidades, vistos pelos senhores como a encarnação de uma corja inútil que prefere a vagabundagem, o vício ou o crime à disciplina ao trabalho (KOWARICK, 1994 p. 43).

Já os imigrantes eram os europeus que vinham em busca de melhores condições de vida, mas ao chegarem no Brasil se depararam com outra realidade. Ingleses, alemães, italianos, principalmente, chegaram ao país para substituírem o trabalho do escravizado e do trabalhador livre nativo, especialmente em São Paulo. Santos ratifica essa condição ao dizer que os primeiros imigrantes que vieram para o Brasil foram “os alemães e, a partir de 1870, os italianos, duas etnias que se tornaram majoritárias nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul” (2009 p, 18). O mesmo afirma Furtado:

(...) em São Vicente a imigração fora inicialmente financiada pelo donatário com objetivos econômicos que resultariam em fracasso. Em outras partes – no Norte e no Sul, principalmente – a imigração fora financiada pelo governo português, que pretendia criar colônias de povoamento com objetivos políticos (2005 p. 78).

Nesse processo, que o governo pagava uma parte do transporte dos imigrantes, o fazendeiro recebia a outra parte do imigrante através de seu trabalho. Os imigrantes endividados, contudo, não conseguiam sair das fazendas até pagarem as dívidas, uma forma de escravização, pois eles não suportavam pagar porque a cada necessidade de alimentos e vestuários aumentava ainda mais a dívida, ficando presos a esse círculo vicioso. Só mais tarde o governo passou a pagar integralmente o transporte dos imigrantes desobrigando-os ao trabalho como cativo.

Biavaschi em o *Direito do Trabalho no Brasil* esclarece que a lei de 1879:

[...]atendeu, basicamente, aos apelos dos fazendeiros de café para que lhes fossem oferecidas garantias quanto ao cumprimento dos contratos. Nesse sentido, foram mais bem definidas as relações com os trabalhadores nacionais e estrangeiros, com introdução de obrigações contratuais bastantes rígidas (BIAVASCHI, 2005, p.197).

Foram contratos que estipulavam as condições de trabalho e como seria o tratamento entre os trabalhadores e os fazendeiros, para que não houvesse nenhum descumprimento do

acordo entre eles, embora favorecessem mais aos fazendeiros que aos trabalhadores imigrantes. Na metade do século XIX, assim, foi criado o primeiro decreto que observava o trabalho rural:

Decreto 2.827, de 15 de março de 1879, a Lei de Locação de Serviços 561, com 86 artigos, regulamentando os contratos no âmbito da agricultura ajustados com trabalhadores libertos nacionais e estrangeiros, nas modalidades de locação de serviços e parcerias agrícolas e pecuárias. (BIAVASCHI, 2005, p. 197).

De acordo com esse decreto, os trabalhadores, em geral, tinham por obrigação obedecer às normas contratuais estabelecidas para locação de serviços onde o contrato era devidamente registrado perante o locatário e locador, deixando-os cientes dos seus deveres e obrigações.

De modo geral e amplo, porém, foram os negros libertos os grandes prejudicados nas relações de trabalho construídas no Brasil, pois não tinham para onde ir, morar, alimentar-se, e, por isso, tendo que se submeterem a um trabalho mediante salário de miséria. Silva e Carneiro falam que “coube à antiga população escrava, ocupar os morros, periferias e áreas distintas das cidades, vivendo de serviços precários dos quais recebia poucos rendimentos ou o desemprego” (SILVA & CARNEIRO, 2009, p.18). Os negros livres não tinham acesso a terras, vítimas de preconceitos, os que não moravam nas ruas foram morar em míseros casebres, nos morros e favelas, marginalizados pela sociedade, devido ao racismo e exclusão social.

De acordo ainda com Silva e Carneiro: “o racismo é um fator determinante da violência, pois estrutura as condições adversas que determinam o processo de exclusão e desumanização da população negra” (SILVA & CARNEIRO. 2009 p. 22). O racismo está naturalizado nas pessoas. Atos de racismo têm gerado todo tipo de violência, inclusive homicídios. Waiselfsz no "Mapa da Violência 2016" demonstra que homicídios por armas de fogo no Brasil são protagonistas nessa realidade:

Ainda mais perversa e preocupante é a seletividade racial dos HAF, além de sua tendência crescente. Entre 2003 e 2014, as taxas de HAF de brancos caem 27,1%, de 14,5, em 2003, para 10,6, em 2014; enquanto a taxa de homicídios de negros aumenta 9,9%: de 24,9 para 27,4. Com esse diferencial, a vitimização negra do país, que em 2003 era de 71,7%, em poucos anos mais que duplica: em 2014, já é de 158,9%, ou seja, morrem 2,6 vezes mais negros que brancos vitimados por arma de fogo (WAISELFSZ, 2016, p.72).

Os dados mostram que os negros são mortos em maior quantidade do que brancos e isso ocorre, principalmente, devido ao grande preconceito racial no Brasil que tem por consequências a falta de escolaridade, desigualdade social e econômica, mercado de trabalho mal remunerado, falta de uma política de segurança para todos. Com o racismo institucional, a

discriminação e negligência dificultam a ascensão dos negros na sociedade por sofrerem dificuldade para entrarem no mercado de trabalho, mas não só no mercado de trabalho.

Já no conto *Pai contra Mãe*, o narrador diz que "quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lhe levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação" (ASSIS, 1994, p. 02). Essas fugas representavam para os escravizados um meio de resistirem ao cativo, aos castigos físicos, à falta de alimentação, aos ferros colocados nos pés e pescoços. Os negros fugiam para os quilombos (a exemplo do quilombo dos Palmares-AL, comandado por Zumbi), mas às vezes eram capturados pelos chamados capitães do mato. A respeito dos quilombos, Clovis Moura afirma:

Entendemos por quilombagem o momento de rebeldia permanente organizado e dirigido pelos próprios escravos que se verificou durante o escravismo brasileiro em todo o território nacional. Movimento de mudanças social provocado, ele foi uma força de desgaste significativa ao sistema escravista, salopou as suas bases em diversos níveis - econômico, social e militar – e influenciou poderosamente para que esse tipo de trabalho entrasse em crise e fosse substituído pelo trabalho livre (MOURA, 1992, p. 22).

Muitas vezes os negros, ao fugirem, não alcançavam o objetivo que queriam de estarem livres, ao serem capturados pelos capitães-do-mato - ofício da época que rendia um bom dinheiro. O narrador assim escreve:

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem (ASSIS, 1994, p. 03).

Apesar de existirem outras funções profissionais - como entalhador, tipógrafo, caixeiro, fiel de cartório, contínuo, carteiro, mas caçar escravos fugidos era o ofício que dava mais dinheiro -, muitos homens escolhiam "caçar escravizados": apesar de não ser um ofício nobre.

Análise do conto *Pai contra Mãe*

Era neste contexto de contradições sociais que viviam os personagens do conto *Pai contra Mãe*. O narrador assim comenta:

Cândido Neves – em família, Candinho, - é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. Tinha um defeito grave esse homem, não aguentava emprego nem ofício, carecia estabilidade; é o que lhe chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo (ASSIS, 1994, p. 03).

Candinho, com situação financeira precária, não tinha ofício estável e exerceu várias funções profissionais, porém, não se adaptando a nenhuma, trabalhou no comércio, foi caixeiro, exerceu a função de fiel de escritório, contínuo, carteiro, mas tinha aversão ao trabalho duro e achava que não tinha sorte.

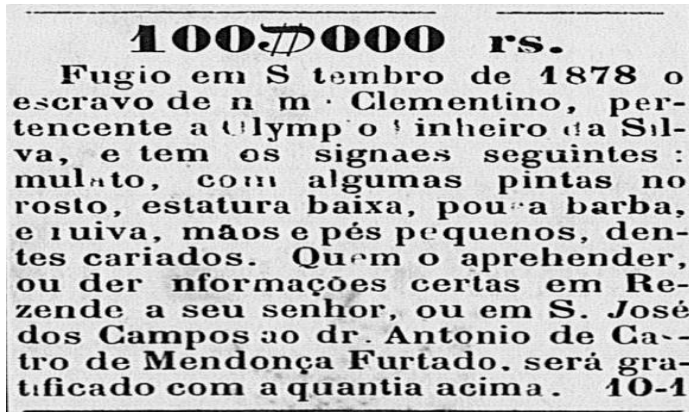
Para entender melhor quem foi Cândido Neves, personagem do conto de Machado de Assis, precisamos situar um homem que vivia na cidade do Rio de Janeiro, com vida econômica beirando à miséria. Segundo Faoro, “Cândido Neves constitui o paradigma do operário, para o qual não havia lugar, lugar disputado e ocupado pelo escravo” (FAORO, 1976, p. 320). O autor também comenta que “homem pobre, sem nenhuma habilitação profissional, entrega-se a todos os ofícios, sem fixar em nenhum” (FAORO, 1976, p. 320). Para acentuar tal situação, sabe-se que os trabalhadores livres tinham que disputar os trabalhos que existiam, pois, a maioria era exercido pelos negros escravizados e Cândido não tinha habilitação em nenhum trabalho, apesar de existirem alguns dos quais havia tentado exercer, mas que não conseguira se fixar. Faoro comenta que Machado de Assis narra o que “no ofício de tipógrafo ou entalhador estaria a salvação de Cândido Neves, na carreira comercial, se fosse caixeiro mais dedicado no funcionalismo público, se elevasse a contínuo a escriturário” (FAORO, 1976, p. 322), mas não foi assim a realidade do personagem. Apesar de ter a oportunidade de subir de posição social nos ofícios em que exerceu, Candinho não se adaptou aos trabalhos que arranjava.

Ao se apaixonar por Clara e ver a possibilidade de casamento, porém, percebeu a necessidade de arranjar um trabalho fixo. No conto, o narrador relata que:

Quando veio a paixão da moça Clara, não tinha ele mais que dívidas, ainda que poucas, porque morava com um primo, entalhador de ofício. Depois de várias tentativas para obter emprego, resolveu adotar o ofício do primo, de que aliás já tomara algumas lições. Não lhe custou apanhar outras, mas, querendo aprender depressa, aprendeu mal. Não fazia obras finas nem complicadas, apenas garras para sofás e relevos comuns para cadeiras. Queria ter em que trabalhar quando casasse, e o casamento não se demorou muito (ASSIS, 1994, p. 03).

Clara, moça simples e pobre trabalhava com costuras e morava com a tia Mônica. Cândido lhe despertou interesse e logo se casaram e foram morar com a tia. Clara engravida e aumentam as dificuldades financeiras e a tia intimida Candinho a procurar um emprego que lhe dê um sustento certo. No conto, tia Mônica fala: “veja o marceneiro da esquina, o homem do armário, o tipógrafo que casou sábado, todos têm um emprego certo... Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu é vaga. Você passa semanas sem vintém” (ASSIS, 1994, p.04). Aqui há uma ironia sobre os trabalhos que Candinho já exercera, mas tinha desistido por defeito ou falta de sorte, como o narrador comenta no conto.

Diante dessa situação e após vários ofícios abandonados, Cândido Neves passa a ser caçador de escravos fugidos:



Cândido Neves perdera já o ofício de entalhador, como abrisse mão de outros muitos, melhores ou piores. Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estas longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda.

Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achá-los, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo (ASSIS, 1994, p. 05).

Imagem 1 - Anúncio de fuga de escravo em jornal do século XIX

O intuito de Cândido era conseguir um trabalho que lhe rendesse muito dinheiro, mas que não lhe desse tanto trabalho para aprender. Os empregos que já havia exercido considerava como incertos e difíceis. Diferentemente, ao capturar escravizados, Cândido ganhou um encanto novo porque lhe trazia pouco trabalho, além de sua habilidade para decorar anúncios de jornais: ótima para capturar os "negros fujões". O narrador fala: "Como o negócio crescesse, mais de um desempregado pegou em si e numa corda, foi aos jornais, copiou anúncios e deitou-se à caçada. No próprio bairro havia mais de um competidor" (ASSIS, 1994, p.5). No Rio de Janeiro do século XIX, caçar escravizados passava também por competitividade, pois muitos homens aderiram ao ofício e com o passar do tempo o negócio foi escasseando-se.

Cândido Neves aderiu ao ofício de caçar escravizados para obter o sustento da família principalmente porque sua esposa estava grávida. Como a criança que Clara esperava estava prestes a nascer e com as dificuldades financeiras, tia Mônica sugeriu que o casal entregasse o recém-nascido à "Roda dos enjeitados". Segundo Maria Luiza Marcílio:

O nome roda provém do dispositivo onde se colocavam os bebês que se queriam abandonar. Sua forma cilíndrica, dividida ao meio por uma divisória, era fixada no muro ou na janela da instituição. No tabuleiro inferior e em sua abertura extrema, o expositor depositava a criancinha que enjeitava. A seguir ela girava a roda e a criança já estava do outro lado do muro. Puxava-se uma cordinha com uma sineta, para avisar à vigilante ou rodeira que um bebê acabava de ser abandonado e o expositor furtivamente retirava-se do local, sem ser identificado (MARCILIO, 2003, p. 55).

A roda dos enjeitados ou roda dos expostos ficava num tipo de orfanato onde as crianças enjeitadas eram levadas para não morrerem de fome e de frio. Lá se recebiam todo tipo de crianças e o nome dos pais era preservado em segredo. O narrador comenta que:

Tia Mônica insistiu em dar a criança à Roda. "Se você não a quer levar, deixe isso comigo; eu vou à Rua dos Barbonos." Cândido Neves pediu que não, que esperasse, que ele mesmo a levaria. Notai que era um menino, e que ambos os pais desejavam justamente este sexo. Mal lhe deram algum leite; mas, como chovesse à noite, assentou o pai levá-lo à Roda na noite seguinte. (ASSIS, 1994, p.7).

Candinho, triste com o que dissera tia Mônica sobre levar a criança para a roda dos enjeitados, resolve falar com ela, "muito menos manso do que de costume, e lhe perguntou se já algum dia deixaria de comer" (ASSIS, 1994, p. 4). Revoltado com os conselhos de tia Mônica, mas sem saída, resolveu, então, levar a criança para adoção. Ao rever todos os anúncios do jornal, contudo, encontrou detalhes sobre a fuga de uma negra e valor de resgate. E, quando estava prestes a deixar o filho na Roda, andando em passos lentos, para ficar mais tempo com o menino, viu um vulto de mulher; seguiu-a, e, para não perder o rastro, pediu para um farmacêutico cuidar da criança: rapidamente, foi em busca da negra. Ao encontrá-la, temos a cena: "a escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta do que costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus" (ASSIS, 1994 p. 08). Mas ninguém ajudou Arminda pelo simples motivo dela ser uma escravizada: as pessoas achavam que os escravizados não tinham valor humano, eram só uma fonte de renda. Desta forma, era costume as pessoas verem os caçadores de escravizados arrastarem suas presas pelas ruas da cidade. Arminda ainda tentou se defender, mas não conseguiu. Ela suplicou: "estou grávida, meu senhor! exclamou. Se vossa senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço" (ASSIS, 1994, p.08). A negra Arminda fugiu para sentir-se livre: mas não conseguiu.

É nesse momento que podemos perceber como o ser humano, ao passar por dificuldades, pode tornar-se cruel e desumano. Cândido mostra-se diante dessas situações determinantemente insensível à dor do outro, tinha um caráter egoísta e mostrava descaso ao aborto da negra. Naquele momento, para ele, o que estava em jogo era conseguir ficar com seu filho. O narrador comenta:

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis enquanto o senhor novamente dizia a escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou (ASSIS, 1994 p.08).

Cândido não se importou com o que estava acontecendo com a escravizada. Voltou rápido para a farmácia em busca do filho para levá-lo. Pegou a criança, agradeceu ao farmacêutico e voltou para casa com o filho. Explicou todo o ocorrido à Tia Mônica que fizera alguns comentários sobre a escravizada, mas o perdoou por ter levado para casa os cem mil réis. O personagem se mostra sem humanidade e coloca a sua necessidade financeira acima de qualquer situação para ter o filho consigo. Candinho, na sua insensibilidade com o fato de Arminda ter perdido o filho e por ele estar com o seu, ainda comenta: “- Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração” (ASSIS, 1994, p. 09). A insensibilidade de Candinho foi enorme. Para ele, a negra era apenas um objeto de lucro. O personagem era uma pessoa com sentimentos de mansidão quando lhe era conveniente, mas sua mansidão era aparente, era brutal quando ia em busca dos escravizados e subjugava-os não se comovendo com o fato da negra ter abortado e agindo de acordo com os atos de uma sociedade desumana sobre a vida dos escravizados.

Cético com respeito à abolição e às alforrias, a escravidão existe, na obra de Machado de Assis, independente dos sentimentos. O entusiasmo abolicionista, a piedade com a sorte do escravo, o protesto contra o mau trato, não encontrarão nenhum eco na palavra do escritor, senão em expressões palidamente convencionais. Paira sobre os destinos individuais o tecido de ferro de um sistema, a instituição servil, fixamente enraizada na história, na sociedade e na economia (FAORO, 1976 p. 333).

Apesar dos escravizados terem lutado para conseguir sua alforria e a abolição, pode-se perceber que os senhores continuaram fazendo-os trabalhar em regime de escravidão, alguns passaram anos juntando dinheiro para comprar sua liberdade enquanto os senhores se aproveitavam de seus serviços. Observa-se que Machado de Assis não era insensível à escravidão, mas a evidência lembrando que a abolição foi apenas um ato formal.

Conclusão

A partir da análise realizada do conto *Pai contra Mãe*, de Machado de Assis, percebeu-se um reflexo social dos horrores da escravidão feitas nas imagens críticas do autor. Nesse processo desumano descrito nas ações dos personagens - inclusive através dos aparelhos com que os negros foram torturados, mostrando a realidade dos castigos aos quais os escravizados eram submetidos - pudemos observar os aspectos socioeconômicos em que se encontrava a trama da sociedade fluminense da segunda metade do século XIX.

O processo de escravização dos negros foi longo e doloroso, os escravizados sofreram todo tipo de castigos físicos, humilhações. Observou-se que não houve uma abolição concreta da escravidão, pois, embora livres, os escravizados não tinham para onde ir (uns ficaram nas

fazendas, outros foram para as cidades), mas só realizavam trabalhos precários, sendo marginalizados por origem racial e considerados inaptos para os trabalhos que surgiam.

Outro fator importante ao analisar o conto foi ver que a situação socioeconômica do personagem Cândido não se diferencia da atual vivida em nosso país, com trabalho escravo onde as pessoas são submetidas a situações de tortura, humilhações, principalmente os negros que sofreram e sofrem preconceito por sua cor. Assim como a situação socioeconômica do século XIX, onde quem tinha ascensão era a elite e os trabalhadores livres e libertos viviam na precariedade, hoje os trabalhadores passam momentos de instabilidade financeira, falta de emprego, aumento da inflação que deixa toda a população na incerteza de um futuro melhor.

Machado de Assis ao escrever o conto *Pai contra Mãe* soube destacar os aspectos problemáticos de uma sociedade desumana - na condição do escravizado sob a ordem do senhor e a mão-de-obra livre: ambos submetidos ao poder da classe dominante vigente da época.

Referências

ASSIS, Machado de. **Pai contra mãe. Relíquias da Casa Velha.** Vol., II, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. Publicado originalmente pela Editora Garnier, Rio de Janeiro, 1906.

BIAVASCHI, Magda Barros. Leis anteriores a 1930, p. 194–202, In: BIAVASCHI, Magda Barros. **O Direito do Trabalho no Brasil 1930/1942: a construção do sujeito de direitos trabalhistas.** IEUEC. Campinas, 2005.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura brasileira.** São Paulo: Cultrix, 2006.

BRAGA, Iára Solange. Padrão de Análise. p.108–112, In: BRAGA, Iára Solange, **Contos Fluminenses e Histórias da Meia Noite na Formação de Machado de Assis.** UFSC-CCE. Santa Catarina 2000.

CHALHOUB, Sidney. Sobre borboletas, superstição e superioridade natural, p.64-69, In: CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FAORO, Raimundo. Operários e escravos: hierarquia e vingança, p. 320–340, In: FAORO, Raimundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio.** São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

HONORATO, Claudio de Paula. Trabalho e Cotidiano, p.49-61. In: HONORATO, Claudio de Paula. **VALONGO: o mercado de escravos do Rio de Janeiro, 1758 a 1831.** UFF-ICHF, Departamento de História, Rio de Janeiro. Niterói, 2008.

FAUSTO, Boris. Livres e Escravos, p.65-68. In: FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995.

FURTADO, Celso. Povoamento e Articulação das Regiões Meridionais, p.77-80, In: FAUSTO, Boris. **Formação Econômica do Brasil.** São Paulo, Companhia Editora Nacional,

2003. KOWARICK, Lúcio. A Economia Cafeeira do século XIX: A Degradação do trabalho, p.35- 58, In: KOWARICK, Lúcio. **Trabalho e Vadiagem. A origem do trabalhador livre no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1994.

LOVEJOY, Paul e. **A escravidão: uma definição**. p. 29 – 38, In: LOVEJOY, Paul e. **A escravidão na África. Uma história e suas transformações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MARCILIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil. 1726– 1950, p. 51-76, In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). **História social da infância no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MOURA, Clóvis. A quilombagem como agente de mudança social, p.22-32, In: MOURA, Clóvis. **História do Negro Brasileiro**. São Paulo, Editora Ática. 1992.

SANTOS, Rafael José Oliveira dos. Trabalho livre e trabalho de Imigrantes Europeus, p.18-21, In: SANTOS, Rafael José Oliveira dos. **O trabalho no Brasil: Análise da Situação dos Trabalhadores à luz da Formalização**. UFBA. Salvador: 2009.

SILVA, Rodnei J. da, CARNEIRO, Suelaine. A violência no Brasil. Dados, p.15–42, In: SILVA, Rodnei J. da, CARNEIRO, Suelaine. **Violência Racial: uma leitura sobre os dados de homicídios no Brasil**. Geledés Instituto da Mulher Negra; Global Rights Partners for Justice, São Paulo, 2009.

SOARES, Cecília Moreira. **As ganhadeiras: mulheres e resistência negra em salvador no século XIX**. Afro-Ásia (17), Salvador. CEAO – UFBA, 1996, p. 57 – 71.

WASELFISZ, Júlio Jacobo. **Mapa da Violência 2012: a cor dos homicídios no Brasil**. CEBELA, FLACSO; Brasília: SEPP/PR, 2012.

IMAGEM

Imagem 1: Anúncio de fuga de escravo em jornal do século XIX

Disponível em: <http://www.saopauloantiga.com.br/anuncios-de-escravos>, acesso em: 21/12/2017.